

TESS SHARPE

SEIS VEZES EM QUE A GENTE QUASE FICOU

(e uma em que rolou)



Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

T E S S S H A R P E

***SEIS VEZES
EM QUE
A GENTE
QUASE FICOU
(e uma em que rolou)***

Tradução

Guilherme Miranda



Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Tess Sharpe, 2023
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2023
Copyright da tradução © Guilherme Miranda, 2023
Todos os direitos reservados.
Título original: *Six Times we Almost Kissed (and One Time we Did)*

Nenhuma parte desta publicação deve ser usada ou reproduzida de qualquer maneira sem permissão por escrito, exceto no caso de breves citações incorporadas em artigos críticos e resenhas.

Preparação: Laura Folgueira
Revisão: Wélida Muniz e Valquíria Matioli
Projeto gráfico e diagramação: Maria Beatriz Rosa
Capa e ilustração: Paula Milanez

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Sharpe, Tess

Seis vezes em que a gente quase ficou (e uma em que rolou) /
Tess Sharpe; tradução de Guilherme Miranda. – São Paulo: Planeta
do Brasil, 2023.

304 p.

ISBN 978-85-422-2287-6

Título original: *Six Times we Almost Kissed (and One Time we Did)*

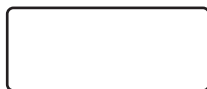
1. Ficção norte-americana I. Título II. Miranda, Guilherme

23-3334

CDD 813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção norte-americana



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2023
Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.
Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação
São Paulo – SP – CEP 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.



PARTE UM

Mudança

(ou: a primeira vez no palheiro)



1

Penny

21 DE JUNHO

Reunião de família hoje às seis da tarde. Não se atrase!

Encaro a mensagem enquanto June passa por mim, prendendo o avental.

— Você fez todos os preparativos?

— Sim — respondo. — E completei os ketchups.

— Você está bem? — Ela me lança um olhar. Estou segurando o celular com força demais, encarando a mensagem da minha mãe.

Forço um sorriso.

— Estou. Preciso ir. Vejo você depois?

— Tchau, Pen.

Recebo outra mensagem enquanto saio: **Pode buscar Tate na piscina? Anna veio comigo para casa, ela não estava se sentindo bem.**

Então, quando minha mãe disse *reunião familiar*, estava falando sério. Elas não são irmãs, minha mãe e Anna. Gostam de dizer que são mais do que isso. Melhores amigas para a vida toda. Um laço mais forte do que o sangue.

Será que minha avó também está lá? Minha cabeça está girando, mas não sei qual crise escolher... Será que minha mãe ficou toda impulsiva de novo? Será uma má notícia sobre a saúde de Anna? Essas são as duas coisas importantes que dominam nossa vida... a menos que seja algum tipo de intervenção. Mas não preciso de uma intervenção. Não fiz nada, a não ser que conte dividir por cores meu calendário que ocupa a parede toda e traz todos os dias do ano. Tate tinha me dito que era um pouco excessivo, mas ela diz isso sobre tudo que eu faço.

Certo. Talvez seja meio que uma mentira. Andei fazendo uma coisa que minha mãe me proibiu de fazer. Mas, se ela soubesse, não teria auto-controle para convocar uma reunião de família. Ela teria me encontrado e estaria gritando comigo a esta altura.

Então não pode ser uma coisa minha.

Será que Tate precisa de uma intervenção? Não pode ser. Tate não faz nada além de nadar na piscina e revirar os olhos quando falo. Tate é, tipo, a filha perfeita. Anna nunca tem que se preocupar com ela. Minha mãe gosta de dizer isso toda cheia de inveja. Porque sou tão encenqueira.

Apesar de que ter Tate em meu carro por mais de dez minutos costume ser a receita de um desastre, escrevo para minha mãe: **Claro**.

Ela não me responde. Não me dá mais nenhuma informação.

Quer dizer que tem alguém morrendo, né?

Não. *Meu Deus*. Pare de surtar. Não pense em...

Alguém já morreu.

Que inferno.

Será que em algum momento vou conseguir passar um dia sem...

É claro que não. Ele era meu pai.

É claro que não.

Ela usa a aliança dele pendurada no pescoço. Minha mãe. Quando a recebeu, depois do acontecido, estava partida ao meio porque teve que ser cortada para que conseguissem tirá-la dele. Ela havia atirado uma das metades do outro lado da sala, de tão transtornada que estava. Tentei contê-la, mas ela não tinha como ser contida – ou, talvez, eu apenas não soubesse como fazer isso.

Anna, por outro lado, sabia. Ela a abraçou com firmeza e insistiu para eu sair com Tate. Minha mãe estava morando com Anna na época, enquanto eu estava com a vovó. Anna encontrou o pedaço que minha mãe tinha jogado e conseguiu mandar consertar a aliança. Agora, dois anos depois, minha mãe nunca fica sem ela.

Será que é Anna? Meu estômago se contorce em vários nós enquanto entro no carro e saio do estacionamento da Lanchonete Amora. É difícil se lembrar de uma época em que Anna não estava doente. Ela teve câncer de ovário quando eu e Tate éramos pequenas, mas se curou faz alguns anos. Só que ficou doente de novo. No ano passado, foi diagnosticada com deficiência de alfa-1-antitripsina, que é uma coisa genética que mexe com o fígado e os pulmões. No caso de Anna, é o fígado. Minha mãe está tentando dar um jeito desde o diagnóstico.

Saio da South Street, me afastando da lanchonete, e dirijo até ao outro lado da cidade.

A piscina fica dentro de um prédio de concreto que é tão anos 1970 que chega a doer, com um telhado inclinado esquisito e tudo. Um resquício de um tempo em que era para a cidade crescer, antes do *boom* da madeira acabar. Do lado de dentro, metade dos holofotes já está apagada, fazendo a piscina brilhar.

Ela ainda está treinando arduamente, com o cronômetro posicionado onde consegue vê-lo.

Eu a observo por um segundo; é inevitável. Eu desafiaria qualquer um a não ficar encantado pela maneira como Tate se move na água. Ela não é uma sereia nem nada místico; é um tubarão, cortando a água como se esse fosse o seu habitat e como se soubesse aonde está indo.

Ela está sozinha na piscina. A equipe não nada junto nos verões, ou, pelo menos, não nada com Tate.

Tate é sempre a última a sair do treino. Sei disso, assim como sei que observá-la atravessar a água vai me fazer ter que me concentrar para não escorregar. Ela costumava ser a última a sair porque treinava mais intensamente do que todas as outras. Ainda treina, mas não é só isso. Ela fica na água até o restante das meninas sair porque não é amiga de nenhuma delas. A culpa é minha, e Tate pode agir como se não se importasse, mas não sei como isso seria possível, já que eu ainda me importo.

Ela ainda não me notou, então vou até a pilha de pranchas e flutuadores, pego um dos flutuadores listrados e o atiro dentro da piscina na direção da cabeça dela. Ele cai na água na frente da garota – posso não ser nenhuma estrela do esporte, mas tenho uma boa mira – e ela se sobressalta no meio da braçada.

Girando em um círculo lento, ela nem tira os óculos quando me avista.

— Sério? — ela pergunta. Antes que eu possa responder, tira o flutuador da água e o lança em minha direção com o tipo de precisão letal de que mal sou rápida o bastante para desviar.

A risadinha que me escapa é completamente involuntária. Ela também sabe disso, porque quase sorri enquanto nada até a beira da piscina.

Ela sai, e sei que é melhor me manter longe para ela não jogar água em mim como um cachorro se chacoalhando. Era algo que já acontecia desde quando éramos crianças. Inúmeras vezes porque, pelo visto, eu não conseguia ser esperta sobre *tudo*... ainda mais quando se tratava dela.

Tate está com dois maiôs de competição sobrepostos e um calção de arrasto por cima, rasgado em uma das pernas. Ela se enrola na toalha e pergunta:

— Minha mãe mandou você?

— Não, *minha* mãe. É melhor olhar seu celular.

Ela tira a touca e os óculos de natação enquanto se dirige à bolsa e veste o roupão. Espero, cogitando se ela recebeu alguma mensagem de texto ou de voz. Texto, pela maneira como ela franze a testa.

Será que ela recebeu mais informações do que eu? Ou será que só recebeu a desculpa de “reunião de família”, propositalmente vaga, como um claro presságio de desgraça?

Tento ler as respostas no pedaço de perfil que consigo ver. O nariz dela se empina, e a trança francesa está esfiapada pela touca, pela umidade e pelo condicionador que ela passa antes de entrar na água. Tate ainda precisa tomar uma ducha para tirar o cloro, mas, quando tira os olhos do celular, sei que vamos direto para casa.

— Vamos — ela diz e, normalmente, eu causaria alarde por ela entrar em meu carro toda molhada pelo roupão de natação, mas agora apenas concordo com a cabeça.

Ela continua encarando o celular depois que entramos no carro, e quero saber, *preciso* saber mais, mas apenas dirijo. A preocupação está *lá*, iminente e tensa, e é como se nós duas estivéssemos tão retesadas que pudéssemos estourar a qualquer momento.

— Quando vão consertar sua caminhonete? — pergunto, desesperada para evitar qualquer estouro ou explosão, porque é um percurso de dez minutos pela cidade e mais vinte montanha acima para chegar a minha casa.

Mais silêncio. Tamborilo no volante, esperando, porque Tate às vezes saboreia as palavras como se fosse um daqueles nerds de degustação de vinho que balançam, giram e cheiram o líquido para sentir prazer.

Dito e feito: já estou entrando na rua que sai da cidade quando ela finalmente diz:

— Não vão.

Olho para ela.

— Como assim?

Ela está olhando determinadamente para o outro lado quando diz:

— Eu vendi.

— *Qué?*

Ela ama aquela caminhonete. É uma lata-velha, mas Tate é dedicada. Passa cera nela e usa aqueles panos de microfibra e tudo.

— Não conta para minha mãe, tá?

— *Tate.* — Não posso olhar fixamente para ela, mas é o que quero fazer. Quero esmiuçar seu rosto em busca de uma resposta, porque ela quase nunca dá uma em voz alta, mas às vezes seu rosto...

Bom, às vezes, ela não consegue se esconder embaixo d'água.

Ela dá de ombros.

— O cartão de crédito estava quase estourado. A luz ia ser cortada. E eu precisava pagar pelo mercado e pelos remédios, e simplesmente... Dei um jeito, beleza?

Minha boca fica seca com a descoberta de que ficou *tão* ruim assim. Sempre foi ruim, em termos de dinheiro, mas como não ser com todas as despesas médicas? Mas, se é ruim a ponto de Tate vender a caminhonete sem que a mãe saiba...

— Ela vai notar que você está sem a caminhonete!

— Ela acha que está na oficina. Fica tranquila.

— Eu... — Para ser franca, é como se ela tivesse me pedido para não respirar. Porque me preocupar é meio que meu lance. — Tá. Mas, se esse for o tema dessa reunião, não espere que eu fique do seu lado.

Ela revira os olhos.

— Não existem lados, Penny. Só estou tentando manter as contas em dia. Pensei que pelos menos você entenderia. Você fez a mesma coisa quando...

Estalo a língua nos dentes, um som de alerta que ecoa com o lampejo de fúria magoada em meu peito.

— Não começa.

Tate nem fica envergonhada pela minha ordem. Ela apenas continua me olhando como se fosse um desafio.

— Então não me amola por encontrar um jeito de pagar as contas.

— Talvez você devesse ter pedido ajuda antes de vender a caminhonete e obrigar minha mãe e Anna a armarem uma intervenção!

— Não é isso que vai rolar. Se minha mãe tivesse descoberto que vendi a caminhonete, ela falaria comigo, não convocaria uma reunião.

Praticamente dou um pulo com suas palavras.

— Então, *você* sabe o que vai rolar?

E ela solta sua versão de gargalhada, um som bufado que nunca chega aos lábios nem se reflete em seus olhos. Seu sorriso chega, às vezes. Quase nunca. A pessoa precisa fazer por merecer.

— Ai, meu Deus — Tate diz, toda aborrecida, e lê no celular: — “Ei, docinho, reunião de família hoje na casa de Lottie! Penny vai buscar você.” Quer parar o carro para ler com seus próprios olhos para confirmar que não estou mentindo? — ela acrescenta.

Agora sou eu quem fica em silêncio. Talvez essa fosse a intenção dela, porque ficamos quietas pelo resto da viagem. Quando finalmente entro na estrada de cascalho que leva à minha casa, ela solta um suspiro aliviado que finjo não ouvir. As luzes da cozinha estão acesas enquanto destranco o cadeado da porteira que comprei no bazar do condado para

substituir aquela que minha mãe passou por cima durante o ano ruim. Tenho quase certeza de que a etiqueta de trinta dólares foi porque a srta. Frisbee sentiu pena de mim.

Odeio que Tate tenha me lembrado disso. Odeio que minha mãe tenha decidido ser enigmática em vez de ser clara. Não gosto de coisas vagas. Gosto de planos de dez pontos com três estratégias de fuga diferentes.

Assim que paro o carro, Tate sai. Também odeio quando ela faz isso. Impaciência é o sobrenome de Tate, juro.

Ela está quase no alpendre quando tranco a porteira e a alcanço.

— Precisamos de uma estratégia! — sussurro. — E se *for* uma intervenção?

— Para quê? Você desenvolveu algum problema enquanto eu não estava olhando? Você realmente lotou seu armário de canetinhas como sonhava em fazer quando tinha sete anos? Se sim, então estou do lado de Lottie e da minha mãe. Chega de materiais de escritório para você. Já bastam o calendário colorido e a agenda da desgraça.

— Meu calendário é *útil*!

— Ele ocupa uma parede inteira do seu quarto. Por que você precisa de um calendário se tem uma agenda?

— Vocês teriam que passar por cima do meu cadáver para tirar a agenda de mim.

— Hum.

Quero bater os pés. É isso que ela faz. Inspira em mim sentimentos de *bater o pé*. Como se eu fosse uma criança prestes a fazer birrar de tanta frustração.

Então, ergo o olhar para ela, e lá está, em seus olhos, porque quase nunca chega aos lábios: seu sorriso.

— Você só está sendo escrota para me distrair? — questiono.

Seus olhos se franzem apenas um pouco. Ai, meu Deus! Por que ela faz isso comigo?

Por que sempre caio nessa?

— Precisamos entrar. — É só o que ela diz em resposta.

— Espera.

É como se minha mão estivesse dois passos à frente de meu cérebro, porque apanho o pulso dela. O interior do roupão é felpudo, então, sua pele já está quentinha, e há um longo momento em que segundos e talvez minutos perdem todo o sentido enquanto ela encara meus dedos em seu pulso e ergue os olhos para mim... mas, mesmo assim, não tiro a mão.

É sempre difícil demais tirar as mãos dela.

— Se não for por causa da caminhonete... — Eu me forço a dizer. —
E se... Tate, e se for grave?

Ela se contorce em meus braços, e o tempo volta à realidade quando
seus dedos envolvem os meus em um aperto suave antes de se afastarem.

— Se for grave, é grave — ela diz apenas.

Ela vai até a porta, mas, desta vez, não a detenho.

Apenas vou atrás.

